

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE BELAS ARTES - EBA

Elisabete Edelvita Chaves Dias

**ENTRELÍRIOS: subjetividades do cotidiano e a mulher negra como  
protagonistas de sua trajetória**

Rio de Janeiro  
2021

CURSO GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA ARTE  
MODALIDADE: BACHARELADO

**ENTRELÍRIOS: subjetividades do cotidiano e a mulher negra como  
protagonista de sua trajetória**

Elisabete Edelvita Chaves Dias

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em História da Arte.

Orientador: Prof. Dr. Vinícios Kabral Ribeiro

RIO DE JANEIRO - RJ

2021

Elisabete Edelvita Chaves Dias

ENTRELÍRIOS: subjetividades do cotidiano e a mulher negra como protagonista de sua trajetória

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Vinicios Ribeiro (Orientador) EBA-UFRJ

---

Profa. Ma. Mariah Rafaela Cordeiro Gonzaga da Silva EBA-UFRJ

---

Profa . Dra . Ana Lucia Nunes de Sousa NUTES-UFRJ

Dedico esta obra a todos meus ancestrais que lutaram, abriram caminhos e até aqui me trouxeram. Aos parceiros de caminhada e familiares amados. As mulheres da minha vida, as quais devo toda gratidão e conquistas que realizei e as que ainda tenho de realizar.

Rachel Chaves da Silva Muniz (In memorian)

Elisabete Edelvita Chaves da Silva

Elisabete Edelvita Chaves da Silva (Filha)

Ana Maria Chaves da Silva

Nery Chaves Muniz

Jonatas Chaves da Silva

Perola Christina Chaves Dias

Davi Chaves Dias

Heitor Miguel Chaves Dias

Ana Sofia Chaves e Joaquim Chaves

Thays Calixto

Mabi Elu Santos

Taylon Almeida

Dedico a vocês.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Oxalá e aos meus Orixás por sempre me abrirem caminhos me dando força, luz e por me conduzirem com sabedoria e paciência.

A minha família e amigos queridos por me apoiarem incondicionalmente, sempre me dando suporte para seguir minha caminhada amparada de amor e compreensão.

As minhas mães Rachel Chaves Muniz (in memoriam) e Nery Chaves Muniz por me ensinarem amorosamente a ser uma mulher resiliente, íntegra e proporcionarem a oportunidade de acessar e permanecer na Universidade.

Aos meus irmãos Jonatas, Davi e Heitor por toda parceria, me inspirarem e impulsionarem a ser melhor a cada dia.

Minha irmã e amiga, Perola Christina, por ser meu maior exemplo de fé, perseverança e sempre se fazer presente nos momentos mais difíceis.

Minha amada avó Elisabete Edelvita e tias Elisabete E. Chaves da Silva e Ana Maria Chaves, pelo amor e incentivo aos estudos.

Ao Tylon Almeida por até aqui sempre ter sido um grande companheiro, paciente e amoroso em todos os momentos em que mais precisei.

A Mabi Elu Santos, pelo encontro de almas e por ser fonte de inspiração e tanto amor que mal cabe no peito.

A Gabriel Gama, Bianca Costa e Thays Calixto pela irmandade e acolhida sempre.

Isabela Oliveira e Jaqueline Calazans pela parceria. Obrigada por me ajudarem a construir parte deste projeto.

A Ana Lúcia, esta mulher tão potente, todo meu carinho e gratidão pela oportunidade de crescer e florescer junto.

Ao orientador desta monografia Vinícios Kabral, por todo carinho, atenção, paciência e ensinamentos compartilhados. Por sempre me incentivar e dispor-se gentilmente a me ajudar a organizar o caos que para mim parecia ser concretizar essa monografia.

A estes que até aqui me ajudaram e acolheram, toda minha gratidão!

## RESUMO

O presente texto parte da análise das vivências que resultaram no curta-metragem “ENTRELÍRIOS”, roteirizado, dirigido por mim e Isabela Oliveira. O trabalho de pesquisa tem como recorte uma breve reflexão sobre relações de afeto, memórias do cotidiano e a representação da mulher negra. A partir disso, reflito e faço uma auto-investigação sobre essas experiências e seus reflexos, considerando os aspectos que impactam não só em minha trajetória, como na de diversas histórias plurais e coletivas que se cruzam.

Palavras chaves: Mulher negra, afeto, representação, audiovisual.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### **Ilustração 1**

*Memórias*. Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

### **Ilustração 2**

*Sem amaciante*. Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

### **Ilustração 3 e 4**

“Ato da transfiguração: receita de como fazer um santo”, 2015, performance, duração: 30 minutos

### **Ilustração 5**

*Osùn*. Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

### **Ilustração 6**

*Nossa Senhora da Conceição*. Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

### **Ilustração 7**

*Encontro*. Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

### **Ilustração 8**

*O ato de retornar*. Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

**Ilustração 9**

*De volta pra casa.* Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

**Ilustração 10**

*O cuidar.* Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

**Ilustração 11**

*Escrevendo nossas trajetórias.* Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

**Ilustração 12**

*Sementes.* Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

**Ilustração 13**

*Subjetividade do cotidiano.* Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

**Ilustração 14**

*Entre lírios.* Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

**Ilustração 15**

*Transgredindo.* Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. ENTRE MEMÓRIAS E AFETOS.....</b>	<b>13</b>
1.1 EM TUDO EU VIA NÓS .....	14
1.2 A DANÇA DAS VELAS .....	18
<b>2. PONTO DE ENCONTRO .....</b>	<b>25</b>
2.1 TE SINTO CHEGAR .....	34
<b>3. O GERMINAR DE NOSSOS ESCRITOS .....</b>	<b>37</b>
3.1 O DESPERTAR DA IMAGEM .....	41
3.2 COLHENDO LÍRIO .....	44
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>

*“Não vou mais lavar os pratos.  
Nem vou limpar a poeira dos móveis.  
Sinto muito. Comecei a ler. Abri outro dia um livro  
e uma semana depois decidi.  
Não levo mais o lixo para a lixeira. Nem arrumo  
a bagunça das folhas que caem no quintal.  
Sinto muito.  
Depois de ler percebi  
a estética dos pratos, a estética dos traços, a ética,  
  
A estética.  
Olho minhas mãos quando mudam a página  
dos livros, mãos bem mais macias que antes  
e sinto que posso começar a ser a todo instante.  
Sinto.”*

*Cristiane Sobral  
(Cadernos negros 23: poemas afro-brasileiros, 2000)*

## INTRODUÇÃO

Encontrei na arte dos encontros, no auge de meu desespero, a possibilidade de debruçar-me em minhas vivências, e assim fazer parte da criação de narrativas plurais.

De tecer por meio de histórias reais, uma História da Arte que através de redes afetivas, é capaz de construir novos caminhos historiográficos para além dos impostos historicamente por uma academia branca e patriarcal.

A partir disto, o filme *Entrelírios*<sup>1</sup>, germinou em meu coração. Através do despertar das imagens de nosso sagrado cotidiano, que até aqui me trouxe e me conta sobre tantas histórias e saberes, que em seu entreabrir, se torna a própria arte.

Roteirizado, dirigido e produzido por mim, Elisabete Edelvita Chaves e Isabela Jéssica Oliveira, com o apoio do Instituto NUTES (Núcleo de Tecnologia Educacional para Saúde) e da EBA (Escola de Belas Artes) da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

*Entrelírios* é um curta-metragem idealizado e gerado através da necessidade de tecer narrativas plurais e formas de ler o mundo para o campo da História da Arte.

Durante o período de 2019.1, foi ofertado o Tópico Especial - Cinema, Arte, Educação pelos professores Vinícios Ribeiro e Ana Lucia Sousa, uma parceria entre a Escola de Belas Artes e o Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde, onde ela é docente. Isabela e eu cursamos a disciplina, cuja proposta consistia na iniciação de conhecimentos cinematográficos a partir de metodologias e teorias decoloniais.

Como trabalho final da disciplina ofertada, a proposta foi a criação de um filme com temática de livre escolha. Juntas, Isabela e eu produzimos o curta-metragem *Entrelírios*, um dos principais pilares para a construção do presente texto.

---

<sup>1</sup> *ENTRELÍRIOS*; direção de Elisabete Chaves e Isabela Oliveira. (6 min 49 s), (1º versão). Disponível em: <https://youtu.be/jmZETplbDM>. Acesso em: 26 de Maio de 2021.

Este trabalho tem como metodologia a análise do curta metragem “*Entrelírios*”, e a leitura de algumas das subjetividades do cotidiano de mulheres negras, através de minha escrivência - metodologia criada pela escritora Conceição Evaristo, no qual a escrita é gerada através de acontecimentos do cotidiano, experiências e lembranças de nós, mulheres negras - , e um processo de *autoetnografia*<sup>2</sup> .

A partir do estudo destas subjetividades, realizo apontamentos e reflexões sobre a trajetórias de mulheres negras que são historicamente invisibilizadas (DAVIS, 2016; 2017), nos espaços acadêmicos, cinematográficos, artísticos, e pela sociedade brasileira enquanto um todo, que alcançam o espaço Universitário e o caminho percorrido não só para chegar neste, como também para nele permanecer, através de uma leitura artística e coletiva sobre o ambiente acadêmico.

---

<sup>2</sup> Autoetnografia representa a experiência pessoal no contexto das relações, categorias sociais e práticas culturais, de forma que o método procura revelar o conhecimento de dentro do fenômeno, demonstrando, assim, aspectos da vida cultural que não podem ser acessados na pesquisa convencional. (MOTA e BARROS, 2015)

## 1 ENTRE MEMÓRIAS E AFETOS



**Ilustração 1: Memórias.** Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

O presente capítulo consiste em *Escrevivências*<sup>3</sup>, onde há recortes bibliográficos baseados em minha vivências as quais serviram como inspiração para a criação e produção do curta Metragem “Entrelírios”, que estão relacionadas às memórias, afetos que se encontram na subjetividade do cotidiano de mulheres africanas em diáspora.

Por tanto, serão apresentados relatos de experiências familiares e pessoais. A aposta é na aplicação coletiva destas experiências como forma de embasamento para outros estudos no campo da História da Arte. E, também, sobre a compreensão deste lugar de outras perspectivas, para além dos eixos eurocêntricos, patriarcais e “universais”, que não são capazes de lidar com as narrativas afetadas e decoloniais da área em que estou inserida.

---

<sup>3</sup> "Escrevivências", conceito criado por Conceição Evaristo em que consiste na metodologia de escrita investigativa, de produção de conhecimento. As experiências do autor são utilizadas para possibilitar narrativas que se referem a vivências coletivas de mulheres. Becos da memória. EVARISTO, Conceição. Belo Horizonte: Mazza, 2006

## 1.1 EM TUDO EU VIA NÓIS



**Ilustração 2 – Sem amaciante.** Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

*“Esses dias achei na minha caligrafia tua letra  
E as lágrima molha a caneta  
Desafia, vai dar mó treta  
Quando disser que vi Deus  
Ele era uma mulher preta*

*Nossas mãos ainda encaixam certo  
Peço um anjo que me acompanhe  
Em tudo eu via a voz de minha mãe  
Em tudo eu via nós”*

*Mãe - Emicida*

Ao ler *“Olhos d’água”* de Conceição Evaristo, me emocionei. Meu olhos ficaram marejados a cada vez que terminava de ler um dos contos. Enxerguei-me, e junto aos anseios de Conceição também me identifiquei em muitas de suas indagações. O que mais me marcou, “ Que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO,2016, P. 15). Experimentei o afetar-se da forma mais real e sensível possível.

Entre uma pausa e outra na leitura, estive mergulhada em minhas memórias. Senti que algumas lembranças estavam um tanto quanto turvas, como quem vai

afundando com olhos abertos. Quanto mais me direcionava para a profundidade dos rios que correm em mim, menos as conseguia enxergar.

Talvez por certas recordações muitas vezes serem espinhosas, preferi não me deparar com estas e apenas contorná-las.

Apesar da dificuldade, cuidadosamente, precisei regressar às minhas vivências mais dolorosas para compreender o meu caminho até aqui. Revirei algumas feridas deixadas ao longo do trajeto feito. Rememorei momentos que me fizeram compreender o quanto o afeto de minhas mães, fez com que nos reinventássemos em meio aos caos.

Essas mulheres, que protagonizam este filme através de suas histórias e experiências, são vivência a todo um coletivo, trazendo sentido a esta narrativa. Pois, são elas “que numa forma de poder socialmente construído, assumem papéis que vão se definindo a cada passo: ora mãe, ora educadora, ora curadora, estabelecendo relações sociais, políticas e mesmo diplomáticas” (SIQUEIRA, 1995, p. 443).

Através de uma releitura sobre a minha própria vida e família, cada vez mais pude compreender como a base da sociedade estava dentro de minha própria casa. Nós estávamos ali o tempo todo, sustentando, e as mulheres de minha vida, foram capazes de nutrir todo seu rebanho com “aquele tipo de carinho que alimenta corações, mentes e também estômagos. No nosso processo de resistência coletiva é tão importante atender às necessidades emocionais quanto materiais” (HOOKS, 2000, p. 192)

As mulheres da minha vida sempre estavam ali presentes. Amparando os filhos, os abandonos paternos, afetivos, as relações e condições de trabalho abusivas e racistas. Apoiando umas às outras, tanto nos dias bons, onde era possível garantir a cerveja para esquecer todos os apertos, como também nos dias ruins em que as crianças choravam porque já não havia mais leite. Nutrindo todo amor que ali existia, e que era o único caminho possível para nos fazer sobreviver a “*Maafa*”<sup>4</sup> e ser para além do que se espera de duas mulheres negras criando cinco

---

<sup>4</sup> O conceito de *Maafa* foi popularizado por Marimba Ani. A autora define *Maafa* como "o grande desastre". O efeito da *Maafa* é a desumanização e distorção do ser africano de seus valores, crenças, cultura, território, etc.

filhos, contanto apenas com suas irmãs, fossem de sangue ou de barco que as acompanharam nessa travessia diaspórica.

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (HOOKS, 1994, p. 12)

Reproduzir a imagem de minhas mães em suas condições reais e literais, foi um processo doloroso e complexo. Apesar de todas as peculiaridades deste processo, cada vez mais compreendo a necessidade de contarmos nossas histórias, pois:

"as narrativas constituem valor documental, histórico e simbólico, na medida em que proclamam a realidade material de uma determinada cultura, além de proporcionarem conhecer as transformações ocorridas, e um pouco mais as inúmeras facetas da realidade que compartilham." (SOUZA, 2013, p.25)

Tecer minhas narrativas e a minha re-existência dentro do espaço universitário com uma proposta de cura, inicialmente me soava como uma linha muito tênue entre: o sentimento de não pertencimento ao espaço acadêmico, me vendo a beira da loucura e quase rendendo-me a vontade de desistir do curso; ou ressignificar essa experiência para mim mesma e para a academia, por meio do potencial transgressor que é a produção de escrita, vivências e histórias reais que até aqui me trazem.

Em sua obra, "Ensinando a transgredir : A educação como prática de liberdade", Hooks a ponta as salas de aula como um muitas vezes um ambiente opressor para alunos negros e negras. Através de sua escrita e metodologia, Hooks rompe com as tradições ocidentais repressoras de educação, que não contemplam corpos diaspóricos. A autora propõe que vejamos os espaços educacionais como locais de aprendizado para nossa libertação intelectual e social. A partir deste

---

entendimento, eu escolhi transgredir junto com Hooks.

Cheguei à teoria porque estava sofrendo, a dor dentro de mim era tão intensa que eu não poderia continuar a viver. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender, querendo entender o que estava acontecendo ao meu redor. Acima de tudo, cheguei à teoria porque queria fazer a dor ir embora. Eu vi, na teoria, um local para a cura.” (HOOKS, 2013, p.59)

Ao denunciar o racismo e contar as histórias de mulheres reais que me rodeiam, passei a enxergar a História da Arte como uma possibilidade de descobrir e realizar leituras de outros conhecimentos e formas de saberes.

Se faz necessário pensarmos que o que se “produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 15).

A partir deste pensamento, compreendo que através das imagens, de um olhar sensível e real, onde milhares de mulheres brasileiras, pretas, periféricas, lésbicas, mães solo, mulheres que atuam em áreas de trabalho historicamente negligenciadas e com resquícios escravistas.

E assim, possamos enxergar essas vivências e histórias de forma poética, afetiva e artística. Saindo dos estereótipos que nos desumanizam e tentam limitar nossos corpos e experiências.

Gerar e trazer a vida o curta “Entrelírios”, resgatou memórias e os afetos, dores e renúncias que existem no cotidiano de mulheres reais e que estão à nossa volta o tempo todo.

Seja dentro dos vagões de trens e metrô, dos ônibus lotados. Mulheres que seguem nos cuidando, direta ou indiretamente e mantendo toda uma estrutura social. Em nossas histórias revelamos as potencialidades do cotidiano sagrado destas mulheres e de nos conectarmos com nossos saberes e memórias ancestrais.

## 1.2 A DANÇA DAS VELAS



**Ilustração 3: *Ascender*.** Quadros/frames curta-metragem *Entrelírios*. A autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

Eu tinha aproximadamente entre dez ou doze anos. Já deveria ser a terceira noite dentre os sete dias que ficamos sem luz. A companhia elétrica havia cortado por falta de pagamento, e daquela vez não havia tido escapatória. Não havia como fazer “gato” para religar, muito menos como pagar o religamento de emergência, pois mal sobrará dinheiro para o arroz. Éramos só nós seis juntos, esperando uma boa notícia surgir.

Durante o dia o tempo passava mais rápido e nos dávamos menos conta do que estava acontecendo. Quando a noite ia caindo, as horas passavam vagorosamente e já não havia tantas distrações para manter quatro crianças no escuro. As velas eram o que nos dava a luz para passar aquelas noites intermináveis.

Naquele tempo, Pérola e eu, minha irmã mais velha, fazíamos aulas de música e teatro em um projeto social chamado “Cateretê nas Artes”, que acontecia próximo da escola. Ali, as tarde eram mais divertidas e aprendemos coisas que jamais iremos esquecer. Naquele espaço a minha paixão pelas artes foi reafirmada.

Além do aprendizado, era um lugar onde tinha um lanche gostoso, e eu até esquecia que haviam problemas em casa.

Em uma daquelas noites intermináveis, tudo que tínhamos naquele momento era nossa criatividade e algumas velas para iluminar aquele breu que estava em nossa casa. Minha mãe então, teve uma ideia e pediu para que Perola pegasse a flauta transversa, instrumento que ela fazia aulas no projeto, e tocasse uma música para a gente. Ficamos todos atentos, não havia distrações.

Ela tocava bem próxima de uma das velas e conforme ela tocava, a luz da mesma se movia no ritmo da música. Era lindo como a chama se movia conforme o som que a flauta emitia, e acompanhava a intensidade dos sopros de Perola. Não me recordo bem quanto tempo ficamos presos naquele momento, observando e rindo, pedindo para que ela mudasse o ritmo para ver as diferentes formas que a luz poderiam tomar, e nos divertindo com aquele simples gesto. Para mim pareceram horas. E mais uma noite se passou.

Eu não me esqueço daquele dançar de velas, mas sempre que me recordo daquela noite, me conecto com um sentimento muito peculiar, onde a recordação do gesto de acendê-las faz com que eu sinta um renovar das esperanças sobre dias melhores.

Hoje, mais do que a 15 anos atrás, quando meus sentimentos ainda eram muito ingênuos, porém atentos a todas as emoções que a minha volta estavam, compreendo a dança das velas como ato de fé. Era como um ritual, nós estávamos todos reunidos atentos e sensíveis naquele momento, acreditando no amanhã melhor. Às vezes me pego tentando decifrar o que minha mãe sentia naquele momento. O medo, a esperança, a coragem, a fé.

Um dos eixos centrais da narrativa criada para o curta-metragem *Entrelírios*, é a relação das personagens, Rachel e Rita, com a religiosidade que se dá no cotidiano dos brasileiros de várias formas. Para Rotter, “fotografar o cotidiano é tarefa difícil, pois o dia a dia vicia o olhar e esconde detalhes óbvios. Tentar enxergar a beleza e a poesia diárias -o que é notável- além de percepção, tempo. Muitas vezes é necessário forçar um distanciamento para olhar.” (ROTTER, 2008, p.23).

E de fato, foi necessário o olhar e a escuta atenta para que pudéssemos compreender e enxergar o que estava diante dos nossos olhos diariamente, os rituais sagrados que habitavam no dia a dia de nossas mães e de muitas outros indivíduos que seguem seus dias baseados em sua religiosidade, seja ela qual for.

Ao longo dos anos, vi por muitas vezes diferentes manifestações de fé de mulheres que me rodeiam, entre orações, rezas, oferendas, e entre outros rituais que expressam a relação com a religiosidade destas.

Minha mãe e toda minha família materna, sempre permearam por diversas religiões. Porém, me recordo com muita clareza, que quando minha mãe ficou doente pela primeira vez, diagnosticada com Câncer de Mama, através dos cuidados da tia Linda Santos, amiga querida e mãe de santos que ao longo desses anos sempre nos deu suporte espiritual, minha mãe se apegou à dona do Seu Orí e não por acaso meu também, nossa mãe Osùn.

Lembro-me quando próximo a sua cirurgia de mastectomia<sup>5</sup>, Linda trouxe um fio-de-conta<sup>6</sup> dourado para minha mãe. Mais do que nunca, naquele momento nos apegamos à crença e ao desejo de viver e à esperança pela cura. Por vezes, via minha mãe deitada em sua cama, com sua guia no pescoço, ou a segurando com força. Até seus últimos dias, foi assim.

Durante a elaboração do relato-roteiro, Isabela e eu começamos a devanear sobre os arquétipos de deusas e divindades, e a relação de mulheres com seus rituais de fé, e sobre esses rituais em nossas próprias casas. Ao longo desta troca, Isabela relatou que durante o período em que sua mãe, Rita, foi diagnosticada com doença de Crohn, Dona Rita era muito devota à uma determinada Santa.

A partir disso criamos e buscamos analogias que são feitas entre os Santos e Orixás através do processo de miscigenação<sup>7</sup> e Sincretismo<sup>8</sup>, que até hoje se perpetuam na religiosidade na cultura brasileira.

---

<sup>5</sup> Mastectomia é o nome dado à cirurgia de remoção completa da mama e consiste em um dos tratamentos cirúrgicos para o câncer de mama.

<sup>6</sup> Fios-de-contas são usados como instrumentos religiosos em práticas de matriz africana, que fazem a ligação entre a matéria e o divino, permitindo assim uma maior comunicação espiritual com o Orixá ou Entidade.

<sup>7</sup> Processo resultante da mistura de raças ou etnias

<sup>8</sup> Fundição de cultos ou doutrinas religiosas distintas, com a reinterpretação ou representação modificadas de seus elementos.

Pensando nisso, criamos duas cenas, onde reproduzimos alguns dos rituais de fé dos quais crescemos observando, e que se aplicam a outras experiências coletivas, e que observamos na simplicidade dos gestos cotidianos.

Através desta representação trazida no curta metragem, no presente trabalho apresentado, associo também a leituras do trabalho do artista e educador Antônio Obá, onde o mesmo problematiza essa estrutura social colonial que o Brasil carrega até hoje.

O artista visual e professor brasileiro, Antônio Obá apresentou pela primeira vez sua performance “Atos de transfiguração: receita de como fazer um santo” (2015), pela primeira vez no Centro Cultural Elefante em Novembro de 2015, Brasília.

Uma das principais vertentes sobre a performance de Obá é a reflexão sobre sua pesquisa poética, trazendo à tona sua herança africana, críticas acerca de tradições e rituais religiosos e o racismo. Através do seu corpo resgata memórias afetivas e se desenvolve a partir da exposição do seu corpo negro como suporte.

O ato, que leva em torno de 30 minutos, se inicia como a entrada de Obá nu apenas com a imagem da Nossa Senhora de Aparecida posicionada por ele em direção do seu falo. Assim, o artista caminha pelo salão com a presença do público ainda distraído, o que causa impacto e estranheza, em rumo a um ralador grande colocado sobre um vasilhame aberto, de um material que se assemelha a madeira.

Em seguida, Obá se ajoelha em frente ao vasilhame, centraliza o ralador entre seu corpo e o recipiente e começa um processo de “ralação” da imagem que é composta de gesso.

O artista transforma a estatueta em pó, no sentido literal, e é interessante ressaltar que ao longo do processo de “ralação” como em alguns momentos os movimentos que ele expressava eram brutos e outros mais sutis, além de seu semblante transparecer um ar respeitoso e ao mesmo tempo sofrido.

Após a Santa estar toda desfeita, ele utiliza aquele pó alvo para cobrir todo seu corpo com gestos em algumas vezes, mais enfáticos. Após alguns minutos

neste processo de embranquecimento, Obá por meio do público faz o caminho de retrocesso ao espaço pelo qual veio.



**Ilustração 3 e 4:** “Ato da transfiguração: receita de como fazer um santo”, 2015, performance, duração: 30 minutos.

Dentre tantas coisas que a performance citada trata-se, algumas delas é uma crítica ao sincretismo e racismo que se instalou no Brasil, e que são também os efeitos da intolerância religiosa com outras religiões como por exemplo as de matrizes africanas, no seu processo de colonização e que é reproduzido até hoje.

A fé forçada ao povo indígena e africano para com o cristianismo e o catolicismo ecoa até hoje em nossa população. Fomos forçados a crer e reproduzir símbolos que não nos representam e até mesmo velar os nomes de nossos orixás e crenças através da imagem destes santos que são narrados pela Igreja.

Analisando artisticamente e associando o significado e representação do sincretismo na sociedade brasileira, no curta entrelírios, fazemos uma representação sobre como esse processo de miscigenação e sincretismo se dá em diversas famílias pretas.



**Ilustração 5: OSÙN.** Quadros/frames curta-metragem Entrelírios. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.



**Ilustração 6: Nossa Senhora da Conceição.** Quadros/frames curta-metragem Entrelírios. Autoria: CHAVES & Oliveira, 2019.

## 2. PONTO DE ENCONTRO



**Ilustração 7: Encontros.** Quadros/frames curta-metragem Entrelírios. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

*Caso esteja por vir  
Me reconheça ali  
Em um domingo de sol  
Ou um dia qualquer  
Apareça!*

*Me leve a um lugar distante  
Me ajude a carregar  
Essa maleta  
Onde eu guardo meu cansaço  
E meus sonhos mais bonitos  
E um livro de receitas naturais  
E um terço pra um pai nosso  
Um pedaço de pão  
E um lápis, um caderno  
E a vida de meus filhos*

*Que é tudo que eu tenho  
E que é tão meu  
E que é tão seu também  
É o bem que te confio*

*Caso esteja por vir*

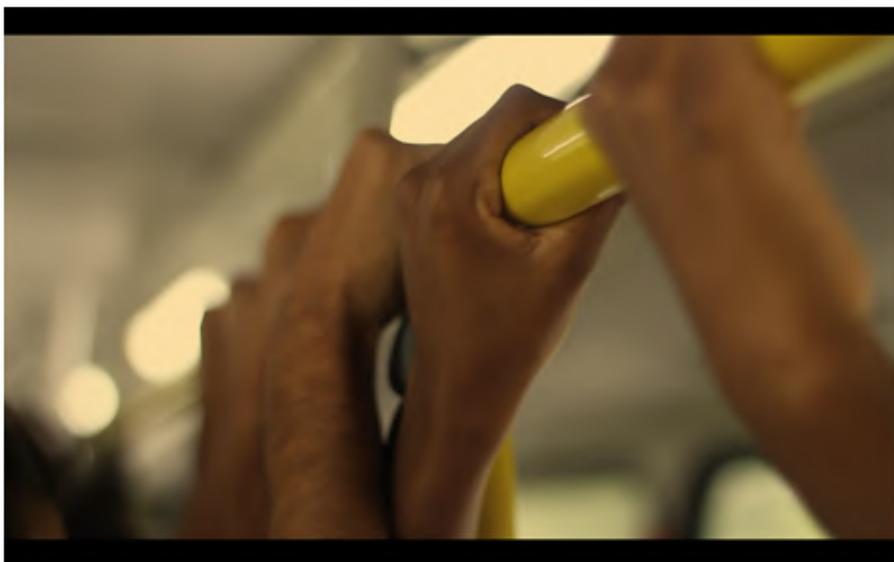
*Dentro Ali - Luedji Luna*

A idealização do curta-metragem começou a se desenvolver, como já dito anteriormente, a partir do nosso processo de regressão de nossas próprias memórias e histórias. Da compreensão de que as nossas narrativas acontecem também, através de uma trajetória que é coletiva e que compartilhamos com muitas outras irmãs.

A partir do momento que entendemos que vivemos trajetórias e traçamos caminhos baseados na coletividade, concluímos que nossas narrativas tem “o valor constituinte de uma linguagem que introduz o indivíduo na ordem coletiva” (SODRÉ, 1988, p.47). Ou seja, o meu caminhar, reflete no processo de vivência de toda uma comunidade, comunidades estas que “compartilham conhecimentos, sentimentos e emoções comuns que se estabelecem e fortalecem os vínculos de aliança e se estruturam identidades” (LUZ, 1992, p.59).



**Ilustração 8: O ato de retornar.** Quadros/frames curta-metragem Entrelírios. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.



**Ilustração 9: De volta pra casa.** Quadros/frames curta-metragem Entrelírios. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

*“Suor pra por a comida na mesa  
Te olho e vejo flores, mãe, no abraço acalanto  
Olhar resumo o quanto sua vivência foi difícil  
São ossos do ofício, mãe  
Enquanto me assume como cria  
Nove meses respirei junto contigo e ainda respiro”*

*Herança - Drik Barbosa*

Ao longo dos últimos anos nas Escola de Belas Artes, para chegar ao fim da graduação, em sendo uma aluna negra, periférica e baixa renda foi preciso resistir e re-existir, pois ocupo um espaço o qual foi erguido e viabilizado financeiramente através do sangue de meus ancestrais, mas que apesar disso não se faz acessível efetivamente para corpos como o meu e de minha comunidade. Pensando neste conceito de re-existência, o autor Achinte (2013) define esta como:

Os dispositivos que grupos humanos implementam como estratégia de visibilização e de interpelação às práticas de racialização, exclusão e marginalização com o objetivo de redefinir e ressignificar a vida em condições de dignidade e autoderminação, enfrentando a biolítica que controla, domina e mercantiliza aos sujeitos e à natureza (Achinte, 2013, p.121-122)

Enquanto mulher negra, fazer um caminho de volta e me reconectar com minha ancestralidade em um movimento transgressor de autoconhecimento sobre minha trajetória e os meios que me trouxeram e me fizeram subsistir dentro da Universidade, e ainda para além disto, defender minha existência e permanência no mesmo, passou longe de ser uma tarefa fácil.

As crises de ansiedade, noites em claro no fim de semestre não pareciam nada perto da incerteza sobre ser capaz de suportar mais um semestre, não só emocionalmente, mas financeiramente.

No racismo, a recusa é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial: “Eles/elas querem tomar o que é Nosso, por isso têm de ser excluídos(as).” A informação original e elementar – “Estamos tomando o que é Deles(as)” – é negada e projetada sobre o(a) ‘Outro(a)’ – “Eles/elas estão tomando o que é Nosso”. (KILOMBA, 2010, p. 173)

Acredito que, compreender como funciona o racismo institucional<sup>9</sup>, e as violências sofridas através do silenciamentos das produções da minha comunidade para a manutenção de um pacto da branquitude e do patriarcado em um processo de negligenciamento da nossa existência, e além das violências que repercute não somente no campo intelectual e emocional, porém que também fere o nosso estado físico e psíquico, pois “a violência racista subtrai do sujeito a possibilidade de explorar e extrair do pensamento todo o infinito potencial de criatividade, beleza e prazer que ele é capaz de produzir” (COSTA, 1983, p. 10).

Ter que lidar com narrativas ultrapassadas e que não contemplam a minha vivência e existência no meio acadêmico por várias vezes me despertou o sentimento de dúvidas sobre minha capacidade intelectual.

Historicamente, as produções acadêmicas são baseadas em um sistema colonizador e eurocêntrico, que não legitima produções e as subjetividades como científicas como tal e conta com um apriorismo conceitual que não busca contemplar as vivências compartilhadas por maior parte da população brasileira.

---

<sup>9</sup> São mecanismos do Sistema que se baseiam desigualdades na acessibilidade, permanência e tratamento por questões raciais ou étnicas por instituições, tais como órgãos públicos governamentais, corporações públicas e privadas, universidades, entre outros.

Esse mesmo sistema, inviabiliza as demandas e produções reais e afetiva que permeia a sensorialidade e despertam “os afetos que passam pelo nosso corpo como afecções podem se transformar nos laços que nos unem, entretanto nas relações em nosso cotidiano é necessário que haja uma abertura, para que os encontros possam ocorrer” (HEIDEMANN, 2019, p. 54). E, conseqüentemente cria vínculos, que é “o resultado de ações (inatas ou aprendidas) do ser vivo que o aproximam do outro ou reforçam e alimentam uma proximidade já existente” (BAITELLO JUNIOR, 2009, p. 458)

Em vista que, a história acontece através de processos, processos estes que estão em constante construção e reconstrução, de acontecimentos e episódios da vida que se entrelaçam e nos dizem sobre algo. Ser um historiador, dentre tantas coisas que é, compre a missão de um“(...) fíctor, isto é, o modelador, o artífice, o autor e o inventor do passado que ele dá a ler” (HUBERMAN, 2013, pág. 10).

Como Historiadora, pretendo tecer e articular sobre os entrelaços, acontecidos, vividos-concebidos que nas palavras de SOUZA (2013 p.22 ):

“é aqui adotada como possibilidade concreta de se pensar e arquitetar uma produção acadêmica que procura romper com as “ideologias teóricas positivistas, evolucionistas e unidimensionais” (LUZ, 1998, p. 154)”

Por esta razão, escolho transmitir através da arte, as histórias dessas mulheres potentes que nos geraram, que somos e as quais cruzamos todos os dias pelos corredores de hospitais superlotados, nos transportes públicos sucateados, nos becos e vielas das favelas do Rio de Janeiro e que ressurgem e são capazes de revelarem toda sua potencialidade mesmo perante ao caos.

O curta-metragem “Entrelírios” trata da narrativa de algumas destas mulheres, baseadas em nossas experiências pessoais, que dialogam com muitas outras e que desejam romper com as inúmeras tentativas de nos manter condicionadas à um contexto escravocrata que nos negligência o gesto de amar, ocupar espaços de poder, e por isso que compreendemos como uma pauta coletiva e social.

E através disto podemos, “interpretar e viver as relações entre as pessoas, seus grupos, entre elas e o ambiente em que transitam, modificam, de interpretar a si mesmas e suas realizações” (SILVA, 2003, p. 182-183). Dentre os diversos

símbolos e interseccionalidades, que para a feminista negra Patricia Hill Collins (2000), se trata da soma de um “sistema de opressão interligado”, que apontamos ao longo do filme.

E pensando o conceito de interseccionalidade, dentro de um contexto que parte do pensamento do feminismo negro, para a intelectual, Crenshaw:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002: 177).

Mesmo tendo em vista, a multiplicidade de formas da experiência e dá diversas possibilidades da vivência que é ser uma mulher, trabalhamos a partir da perspectiva de nossas histórias e vivências nossas e outras mães, enquanto mulheres, negras, periféricas, mães solo, homossexuais, domésticas, cuidadores e produtores de saberes, por meio das afetividades e as sensorialidades que nos atravessam cotidianamente e que nos inspiraram no processo criativo.

A primeira vez em que entrei na Ilha do Fundão<sup>10</sup>, localizado na Ilha do Governador, Zona Norte do município do Rio de Janeiro, foi em Janeiro de 2015 no dia em que realizei a minha matrícula para o Curso de História da Arte. De fato, eu nunca havia conhecido aquele local, ou sequer imaginado que o mesmo era uma Ilha literalmente. Tudo parecia gigante, e a sensação era que eu nunca me encontraria naquele espaço. Ao longo do primeiro ano de curso, a sensação era sempre como no primeiro dia e eu sentia-me em um lugar ainda desconhecido. Sentia-me ingressando em um novo mundo, e entrar na Ilha era como se eu estivesse fora da minha realidade. E talvez, de fato, em partes eu estivesse.

Por muitas vezes, ao sair de Niterói e fazer todo o trajeto, entre pegar a ponte Rio-Niterói, Avenida Brasil, Linha Vermelha, Ilha de Governador, Maré, me fez refletir toda trajetória que eu estava atravessando no sentido literal e simbólico, para

---

<sup>10</sup> A Ilha do Fundão é um bairro onde se concentra a Reitoria e a maior parte das unidades da Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de ter importantes concentrações de Centros de Pesquisas. O local citado ocupa uma área excedente a cinco milhões de metros quadrados.

alcançar e chegar na “ Cidade Universitária”, como também chamam a Ilha do Fundão.

A começar pelo valor exorbitante da passagem, eram minimamente R\$25 por dia, que por muitas vezes limitou o meu acesso a tal espaço, e assim se prolongou durante todo curso. Ter que escolher entre uma aula e outra, pois nem todos os dias era possível acessar a universidade.

O caminho e o movimento de entrada ao fundão nunca me permitiram esquecer todo o percurso para estar ali. Passar pela Avenida Brasil até hoje me causa inquietude, e nunca me permite esquecer quantos corpos pretos me abriram caminhos e pagaram com suas próprias vidas, para que eu até ali chegasse.

Apesar de toda a solidão e competição doentia que muitas vezes acontece dentro do universo acadêmico, entre conversas e corredores da Escola de Belas Artes<sup>11</sup>, filas do restaurante universitário, acalantos de prantos de incertezas e tantos desejo de universitários tão viscerais, encontrei uma mulher.

Não só companheira para os afogamentos emocionais entre cafés e cervejas, como também parceira criativa. Um ser pulsante e com o peito cheio de desejos que dançam pelo ar, na doçura dos seus gestos e apresentam a firmeza e gigantidade de uma mulher que é capaz de ser realizadora do seu próprio caminho. Isabela e eu nos encontramos.

Encontro de águas que em um movimento de amor se acolhem. Nos encontramos em nós mesmos no gesto puro de afeto, na escuta atenta, no desejo de produções que nos curassem. Não por trocarmos experiências, mas também por nossa capacidade de enxergar para além do que nossos olhos poderiam delatar.

---

<sup>11</sup> A Escola de Belas Artes, unidade integrante do Centro Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, iniciou sua história com a criação da Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios, por Decreto-Lei de D. João VI, em 12 de agosto de 1816. Em 1826, num prédio projetado por Grandjean de Montigny começa a funcionar a Academia Imperial de Belas Artes. Depois da República, em 1890, passou a chamar-se Escola Nacional de Belas Artes, e em 1909 sua sede é transferida para um prédio na Avenida Rio Branco, projetado pelo arquiteto Adolfo Morales de Los Rios. Em 1965, foi denominada Escola de Belas Artes. Incorporada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ) foi transferida para o *campus* do Fundão, em 1974/75, local onde se encontra até hoje. Disponível em: <<https://eba.ufrj.br/institucional/>>.

Através disso, pudemos produzir algo próximo ao que trocamos diariamente, das nossas experiências de vida e sobre os desejos e sonhos que compartilhamos ao longo desses anos de graduação.

Idealizar e produzir o curta *Entrelírios*, nos fez atravessar fronteiras para além do que poderíamos imaginar que era possível. Atravessamos as teorias de nossas próprias vidas e as trouxemos em forma de filme a materialização de nossas conquistas.

Nossas histórias estão no mundo. São as imagens e as vivências sagradas do cotidiano. Vivências e cotidiano este que são e vão para além das experiências que atravessamos diariamente, e fazem presentes não só nas práticas corriqueiras.

Contudo, são novas possibilidades para enxergar subjetividades a riquezas que habitam na minúcia dos gestos, imagens, e seus símbolos e significados das práticas habituais que se tornam sagradas por dar sustento à vidas e nossos espíritos.

Alcançar este entendimento fez com que fossemos capazes de trazer tudo que nos foi negado ao longo do caminho percorrido dentro do curso de História da Arte.

Durante muito tempo, me peguei em um sentimento sempre de distanciamento a querer exercer práticas que me exigisse muito fisicamente e manualmente, e eu mesma não sabia me dizer o porquê disto.

Ao longo de toda minha vida eu vi minhas mães suportando mais peso do que seus corpos eram capazes de suportar, e desde criança por diversas vezes eu e minha irmã éramos colocadas como meninas forte fisicamente “que pegavam no pesado”, diziam eles, pois desde pequenas ajudávamos em casa e estávamos mais que habituadas a pegar objetos que possuíam muito peso. Éramos nós mesmas.

Hoje, acredito que ao presenciar os desgastes físicos e emocionais, que ao longo do tempo minhas mães tiveram que se submeter, para nos manter e sustentar, e o fato delas me possibilitarem poder fazer escolhas sobre o caminho que eu poderia seguir, me fez desejar um caminho inverso ao que vi elas exercerem ao longo de nossas vidas.

Compreender que nossas potências estavam nas imagens, nos gestos manuais, refletidos diariamente em milhares de mulheres brasileiras que bordam,

pintam e costuram. Mulheres que curam feridas físicas e internas, cozinham, escrevem, passam, lavam e tantas outras atividades que traduzem e expressam, de diversas formas, o afeto e cuidado.

São estas imagens e narrativas que explicam muito além de nossa ancestralidade, e sim todo um contexto histórico, social, cultural e nossas subjetividades enquanto intelectuais. E o ato revolucionário de romper com os mecanismos opressores, que passamos ao longo de nossas vidas, nos fez abrir os olhos para a nova História da Arte que desejamos tecer, que estamos a contar.

## 2.1 TE SINTO CHEGAR



**Ilustração 11: O cuidar.** Quadros/frames curta-metragem Entrelírios. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

Técnica de enfermagem e servidora pública, minha mãe Rachel Chaves da Silva Muniz, sempre trabalhou em hospitais cuidando das pessoas. Para manter todo o sustento da casa, lembro-me de vê-la entrando e saindo, e dar conta dos plantões de 48 horas. Era sempre um plantão atrás do outro.

Recordo-me de que quando ela chegava havia um cheiro com ela. Um cheiro diferente do que costumávamos sentir dentro de casa. Era um perfume, uma mistura de cheiros, que até hoje não sei explicar. No entanto, sei que aquele cheiro vinha do hospital junto com ela, agarrado em sua roupa, junto com aquele perfume com um aroma doce.

Minha mãe nunca nos deixava agarrar, abraçar ou beijá-la em excesso quando retornava do expediente, dizia que a roupa estava contaminada. Mas confesso que eu gostava de abraçá-la o mais forte que podia assim mesmo, com a roupa do hospital. Aquele cheiro que só ela tinha, parecia uma mistura perfeita entre o seu perfume e aquele bendito ar de enfermagem.

Abraçá-la e sentir aquele perfume, era sinal de que ela havia chegado e estava ali presente, e naquele momento, para cuidar de nós. Era sinal de que haveria música alta na casa e que as coisas iriam entrar em ordem, pois parecia que tudo só conseguia ficar organizado quando ela estava lá.

Hoje em sua ausência, posso perceber que sim, sem ela tudo parece um grande caos. Aquele cheiro me sinalizava que o almoço seria mais gostoso, e que talvez até tivesse uma sobremesa. Ela estava chegando e eu já podia senti-la.

Durante o processo para a construção de nossas narrativas, a primeira experiência em comum que conectou a minha história à trajetória de Isabela, foi através de uma experiência afetiva-sensorial.

Nossas lembranças afetivas, a experiência sensorial, que se dava através dos cheiros que nos recordava nossa infância, e esta foi capaz de nos fazer sentir a presença das mulheres tão potentes em nossas vidas em simples momentos do cotidiano. Como na volta para casa dentro do metrô lotado, nos conectou e resultou na produção do curta-metragem “Entrelírios”. Nossa conexão se deu por meio do desejo de curar feridas, e compreender que o amor cura e “nossa recuperação está no ato e na arte de amar” (HOOKS. 2010, p.1).

Segundo relatos da Isabela Oliveira, ao chegar em casa após sua jornada de trabalho, sua mãe Dona Rita, que é trabalhadora doméstica, também tinha um cheiro típico que a acompanhava. Certo dia, durante uma viagem de metrô no vagão feminino em horário de pico, Isabela identificou aquele perfume que particularmente a fazia lembrar de sua mãe, mas que ao mesmo tempo era tão coletivo, e naquele momento ela fez um registro de suas lembranças.

Em um de nossos encontros nos corredores da Universidade, ela me relatou essa experiência tão especial e afetiva. Aquilo ficou na minha cabeça, naquele mesmo momento eu associei as lembranças que eu tinha sobre o perfume de minha mãe, e como nossas histórias se cruzam com a de tantas outras diariamente, apesar de cada uma ser tão única.

Entre as recordações afetivas e sensoriais minhas e de Isabela, dos vagões de metrô feminino lotado, e as diversas conduções que por inúmeras vezes utilizei para cruzar a cidade, tanto para acessar a Ilha do Fundão, quanto quando eu fazia bicos de garçoneiro e recepcionista no Leblon, assim como outras milhares de

peças utilizam para se deslocar pela cidade. E não apenas deslocar-se, mas através de um sistema precário, superlotado e sem a menor infraestrutura, como o transporte público da Cidade do Rio de Janeiro.

Entre as minhas próprias lembranças sobre a chegada de minha mãe em casa e aquele perfume de enfermagem, que eu particularmente adorava, e as lembranças do cheiro que Isabela sentia em sua mãe, haviam muitas semelhanças. Não era só pelo cheiro de água sanitária que Dona Rita carregava em suas mãos, ou pelo cheiro de enfermagem hospitalar que minha mãe, Rachel, trazia em seu jaleco.

Trata-se das histórias de milhares de outras mulheres que ocupam os vagões do metrô após seus expedientes de trabalho, dos detalhes óbvios do cotidiano que muitas vezes deixamos passar despercebido, mas que contam histórias, afetos e muitas vezes até sobre a presença mesmo na ausência.

Quando falo dessas experiências, falo sobre também experienciar lembranças afetivas, lembranças que falam sobre o amor em nossas vidas. Amor este, que pauta nossa existência enquanto indivíduos que vivem em sociedade e através desse é capaz de ser agente transformador desse espaço social o qual vivemos, pois, “o amor é a emoção que fundamenta o social. Cada vez que se destrói o amor, desaparece o fenômeno social. Pois bem: o amor é algo muito comum, muito simples, mas fundamental” (MATURANA; ZÖLLER, 2004, p. 74).

Por muitas vezes em minha casa, na ausência de minhas mães pela necessidade de trabalhar e a falta de recursos financeiros, nos tenha faltado algumas coisas. Contudo, nunca nos faltou o amor. Talvez, seja por isso que eu mencione tanto sobre ele, para que não nos falte o amor.

### 3. O GERMINAR DE NOSSOS ESCRITOS



**Ilustração 12: Escrevendo nossas trajetórias.**Quadros/frames curta-metragem Entrelírios. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

*“Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte  
 Porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte  
 E tenho comigo pensado  
 Deus é brasileiro e anda do meu lado  
 E assim já não posso sofrer no ano passado  
 Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro  
 Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro  
 Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro  
 Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro”*

*Sujeito de Sorte - Belchior*

O atual capítulo consiste em um breve relato sobre a experiência no Tópico Especial- Cinema, Educação e Arte e o nosso primeiro contato com o Cinema e o audiovisual através parceria entre o Instituto NUTES e a EBA, e o processo de execução prático do projeto, como pré-produção, produção e pós-produção do curta-metragem Entrelírios.



**Ilustração 13: Sementes.**Quadros/frames curta-metragem Entrelírios. A autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

### **Universidade como espaço de encontros transformadores**

Ao longo da minha jornada acadêmica, ao refletir sobre o significado do que é estar no espaço universitário, por várias vezes me perdi ao sentir que este era um espaço onde não era possível partilhar as coisas que faziam parte do meu cotidiano e as experiências vividas por mim.

Por muitas vezes o meio acadêmico me fez acreditar que era necessário caminhar sozinha e reproduzir histórias da Artes que não diziam sobre a forma que eu sentia, acreditava e nem a minha trajetória.

Para virar a chave e compreender sobre meu processo educacional, foi preciso que eu assimilasse que, desde a minha infância, as instituições pelas quais passei, negligenciaram corpos como os meus e qualquer outro que representasse qualquer outra pluralidade e, conseqüentemente, a possibilidade de outras leituras de mundo.

Debruçando-me nisso, passo a ponderar sobre os processos educacionais os quais somos submetidos e qual a real função da educação. A educação é “uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos

conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*” (FREIRE, 2002, P. 38).

Assim sendo, não só pode, como também tem o dever de compartilhar diferentes ideias, culturas e representações, que contemplem outras formas de estruturação social, que não aquelas que tentam se centralizar como únicas e universais, o que de fato não são.

No primeiro semestre do ano de 2019, foi ofertado na grade do curso de História da Arte o Tópico Especial em Cinema, Arte e Educação. A disciplina fora ministrada pela professora Ana Lúcia Nunes Sousa<sup>12</sup> e Vinícios Kabral Ribeiro.<sup>13</sup>

O tópico em questão, consistia em aulas teóricas e práticas sobre os princípios básicos sobre Cinema e Audiovisual, tais como: a história do cinema, produção textual para relatos, criação de roteiro, noções básicas para filmagem e captação de som, construção de material audiovisual com baixo custo, e entre outros conteúdos para iniciação em cinema.

Vinícios Ribeiro e Ana Lúcia Nunes, apontaram não só para mim, mas para muitos outros estudantes, outros caminhos como também formas de experienciar a universidade que visam o processo educacional como “uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (Brandão, 2007, p.18) e, como o amparo deles, pude dar voz aos sentimentos em mim reclusos e sufocados ao longo desses 6 anos dentro da Academia de Belas Artes, e alçar voos mais altos através da narrativa de histórias que recriassem sobre um outro prisma.

---

<sup>12</sup> Professora Adjunta no Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, com atuação no Laboratório de Vídeo Educativo e no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde. Doutora em Comunicación y Periodismo pela Universitat Autònoma de Barcelona e em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>13</sup> Professor Adjunto 2, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Chefe do Departamento de História e Teoria da Arte BAH/EBA. Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, na linha de pesquisa em Tecnologias da Comunicação e Estéticas. Mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e graduado em Comunicação Social, nas habilitações de Publicidade e Propaganda e Relações Públicas pela Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da mesma instituição.

Ana, me mostrou amorosamente um pouco da importância que é ocuparmos os espaços de forma eficiente e trazendo retornos para os nossos e para a nossa comunidade. Motivou-me a permanecer firme e acreditar na minha potência enquanto acadêmica.

Em um ano realizamos muito juntas, mais do que eu imaginava que era possível. Ao lado dela, no período de nove meses, participei de 4 congressos com três linhas de pesquisa distintas, fiz parte do grupo de Iniciação Científica, Projeto de Extensão, atividades no Grupo de Estudos NEGRECS<sup>14</sup>, realizei minha primeira viagem Internacional para Bélgica para apresentação da pesquisa desenvolvida junto ao NEGRECS, intitulada, “Academic Activism and the Educator Black Movement: Thoughts about the movement of black women professors and researchers in Public Universities of the state of Rio de Janeiro” no OUR Media Conference .

A partir desta reflexão e do entendimento de que a Universidade, e como parte dela, seu corpo docente também, devem estar comprometidos a serem agentes transformadores para este espaço e seus estudantes. Visto isso, se faz mais que necessário a entrega e responsabilização sobre as causas sociais e coletivas.

Esses encontros dentro do espaço acadêmico, não impacta só a mim individualmente, mas também, funciona como um novo caminho que é capaz de olhar e constituir outras epistemologias dentro do campo da arte e do audiovisual como campos de desafios “ que procura reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo” (SANTOS e MENESES, 2010, p.19)

Aproveito mais uma vez para agradecer a estes educadores por me ajudarem a dar materialidade aos meus sonhos e escritos, por serem a personificação do impacto transformador que é a educação como um caminho para liberdade e a importância da representatividade e construção identitária de mulheres negras dentro do espaço acadêmico.

---

<sup>14</sup> NEGRECS - Núcleo de Estudos de Gênero e Relações Étnico-raciais na Educação em Ciências e Saúde

### 3.1 DESABROCHAR: O DESPERTAR DA IMAGEM



**Ilustração 14: Subjetividade e o cotidiano.** Quadros/frames curta-metragem Entrelírios. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

Ainda que a população negra, corresponda a mais da metade, compondo o total de 54% de toda população brasileira, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>15</sup>. E, de acordo com a Agência Nacional de Cinema (Ancine)<sup>16</sup> no ano de 2016, foram analisados 142 longa-metragens que circularam comercialmente nos dois anos anteriores e dentro da pesquisa realizada por esta instituição apenas 2,1% dos cargos como Diretores e roteiristas são homens negros, 0% por mulheres negras.

Não obstante de outros setores de produção de conhecimento, inclusive do campo da história da arte, onde a criação de narrativas são extremamente hegemônicas, eurocentristas, o que conseqüentemente faz que as produções que circulem sejam as produzidas por homens, brancos e cisgênero, no cinema não

<sup>15</sup> IBGE. (2017). *Projeção da População do Brasil e das Unidades da Federação*. Brasília, Brazil. Retrieved from <<http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>

<sup>16</sup> LISBOA, Vinícius (2018). Ancine diz que nenhuma mulher negra produziu ou dirigiu filmes nacionais em 2016. Disponível em : <[Ancine diz que nenhuma mulher negra produziu ou dirigiu filmes nacionais em 2016 | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](http://agencia.brazil.com.br/ancine-diz-que-nenhuma-mulher-negra-produziu-ou-dirigiu-filmes-nacionais-em-2016)> acesso em 20 de Maio de 2021.

ocorre de forma diferente.

Além da falta de representatividade nas telas e o fato de que quando somos representados na indústria audiovisual, sempre somos representados através de papéis e imagens de subalternidade, criminalização, situação de vulnerabilidade, hipersexualização dos nossos corpos e dentre outras tentativas de apagamento da nossa existência e desumanização dos nossos corpos.

Pensando nisso, a idealização e a produção de *Entrelírios*, foi realizada através de uma perspectiva que atravessasse nossas vivências, histórias e redes de afeto enquanto mulheres, para mim enquanto uma mulher negra, periféricas e acadêmicas, tendo como principal objetivo repensar os conceitos ditados por uma “sociedade esteticamente regida por um paradigma branco” (SODRÉ, 2001, p. 235).

Todo processo de produção do curta-metragem só foi possível, pois pudemos contar com o apoio de pessoas que nos auxiliaram e nos abriram caminhos e possibilidades para viabilizar a realização deste.

Com baixíssimos recursos financeiros, foi preciso acreditar que é possível realizar um “cinema de guerrilha<sup>17</sup>” e que o nós por nós, sempre será sobre isso, através de nós, contarmos e realizarmos por nós e pelos nossos. Para a pesquisadora, Leroux (2017), cinema de Guerrilha :

Não significa apenas fazer filmes com poucos recursos (“com o que se tem”), mas também, e sobretudo, a fabricação de um repertório de táticas capazes de potencializar esses recursos, quis evidenciar algumas dinâmicas que configuram a “guerrilha” imanente ao grupo estudado. Além dos recursos financeiros infinitamente modestos ou por vezes inexistentes que caracterizam estas produções, fazer filmes “com o que se tem” significa fabricar alternativas a partir de um contexto de não especialização e de escassez de tempo livre fora do trabalho diário com o qual se ganha (ou melhor dizendo, se perde) a vida. (LEROUX, 2017, p.3)

## **Etapas de Produção**

A etapa de pré-produção<sup>18</sup> durou quatro meses, entre os meses de março e junho de 2019, e ocorreu juntamente a realização do Tópico Especial - Cinema, Arte e Educação, já mencionado anteriormente.

---

<sup>17</sup> Cinema no qual se improvisa fora da produção convencional, contra as convenções tradicionais e formais impostas ao público geral e na elite.

<sup>18</sup> É caracterizado pelo processo prévio de elaboração da produção.

Com o avançar do curso e as orientações dos professores que ministraram a disciplina, Isabela e eu começamos a realizar pesquisas sobre a contextualização social acerca da temática, idealizando e produzindo o roteiro do curta-metragem.

Logo após isso, foi necessário a elaboração de planilhas de filmagem, cronograma de produção, escolha de locações e a concepção da direção de arte.

Por ser um projeto independente, e que não recebeu nenhum tipo de recurso financeiro, nossa produção contou apenas com o empréstimo de equipamentos por parte da professora Ana Lúcia Nunes e o apoio do NUTES - LVE, que gentilmente nos cedeu, não só, os equipamentos que faltavam para a gravação, como também o profissional em câmera Ronaldo Martins que realizou toda captação das imagens, áudio e montou a iluminação conosco.

Trabalhar na parte na construção criativa do filme, como a produção do roteiro, alinhar nossas histórias, criar a contextualização e conceitos de fato um processo muito prazeroso e que exigiu muito da nossa criatividade e organização. Pois, além de criar, precisávamos pensar em uma logística de produção que fosse acessível para nós e para quem estava trabalhando conosco.

E, sempre levando em consideração as limitações como, as possibilidades de nossos recursos financeiros que eram muito baixos, e as logísticas de produção, tendo em vista que tivemos a oportunidade de trabalhar com equipamentos caros, sendo parte deles cedidos por parte de um órgão público.

A produção e filmagem do curta-metragem ocorreu em junho de 2019. As gravações foram realizadas em duas locações diferentes, na Ilha do Fundão, onde gravamos na entrada da reitoria, Linha Interna de ônibus oferecida pela UFRJ, no Laboratório de vídeo educativo do NUTES, e no apartamento onde moro em Niterói.

Operamos em um dia intenso de gravações, onde realizamos a construção, preparação para processo de filmagem de todos os sets.

A montagem e edição do filme, foi realizada por Rafaela LiRa<sup>19</sup>, com que tivemos o prazer de trabalhar. A mesma nos ajudou a dar corpo ao filme tendo expressado no processo de edição toda a essência e mensagem que desejávamos e havíamos imaginado de forma muito respeitosa e cuidadosa.

---

<sup>19</sup> Design gráfica, produtora audiovisual, diretora e fundadora da Empresa LiRa.

### 3.2 COLHENDO LÍRIO



**Ilustração 15: Entre lírios.**Quadros/frames curta-metragem Entrelírios. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

*Do lado de dentro rainha sou eu  
Mulher que ama e sabe dar adeus*

*Eu sei que tudo na vida acontece  
Quem me conhece pode lhe dizer*

*Tudo eu espero e toda me entrego  
Levanto até as paredes  
De um barracão desabado*

*Mas Deus foi quem me fez nessa vida  
E eu cumpro ordens de um bom destino  
Se ele quiser, eu posso querer*

*Destino - Luisa Maita*

Acredito que para mim, e outros estudantes negros e negras dentro da academia, escrever muitas vezes é passar por um caminho de angústias, tentativa de compreender aonde habitam nossas dores e encontrar meios para curá-las.

À vista disso, alcançar esse lugar de criação e produção dessa escrita revela “existência do potencial infinito da diversidade epistêmica do mundo” (GOMES, 2010, p. 493)

A idealização e concretização do curta-metragem em questão no presente texto e o processo de escrita deste projeto de conclusão de curso, fazem parte de uma tentativa de compreender a História da Arte e a linguagem audiovisual como campos e possibilidade de viabilizar encontros.

Encontros esses, que sejam capazes de tecer sobre suas histórias, saberes e memórias afetivas como um “veículo de comunicação, como instrumento didático, capaz de proporcionar reflexões e encantamentos” (SOUZA, 2006, p. 16).

Colher lírios, por esse jardim de afetos que criamos ao longo de nossa trajetória e redes afetivas, que nos possibilitaram cumprir com o bom destino de encerrar ciclos transformadores. E finalmente, alcançar o tão sonhado canudo em uma Universidade Federal que para diversas famílias pobres, negras, periféricas, de filhos as filhas de nordestinos como minha mãe e minha avó, faxineiras, zeladores, cuidadores e tantos outros trabalhadores brasileiros.

Minhas mães Rachel Chaves da Silva Muniz e Nery Chaves Muniz, até aqui me trouxeram. As funções domésticas e muitas vezes em condições insalubres às quais estas foram expostas e que durante tanto tempo eu odiei, as intermináveis horas cuidando de outras pessoas, que as afastaram do cuidar de mim e meus irmãos, o gesto zelar e de amar foi o que me possibilitou colher flores menos espinhosas das quais elas precisam recolher ao longo de suas jornadas.

Minhas mães sempre escreveram sobre a vida, ainda que não soubessem. Ainda que não pudessem conceber que nossas vivências dariam um filme, ou uma monografia para conclusão de grau em uma Universidade Federal, “as imagens projetivas imitam o real e ao mesmo tempo o recriam (Araújo e Baptista, 2003, p. 37) e assim, fizemos, juntas.

Na sutileza e nos gestos fortes e delicados de minha mãe Rachel, descobrir a beleza do exercer e atividades manuais que durante tanto tempo me recusei a acreditar que seria o caminho o qual eu deveria trilhar, por achar que precisava ocupar outros espaços.

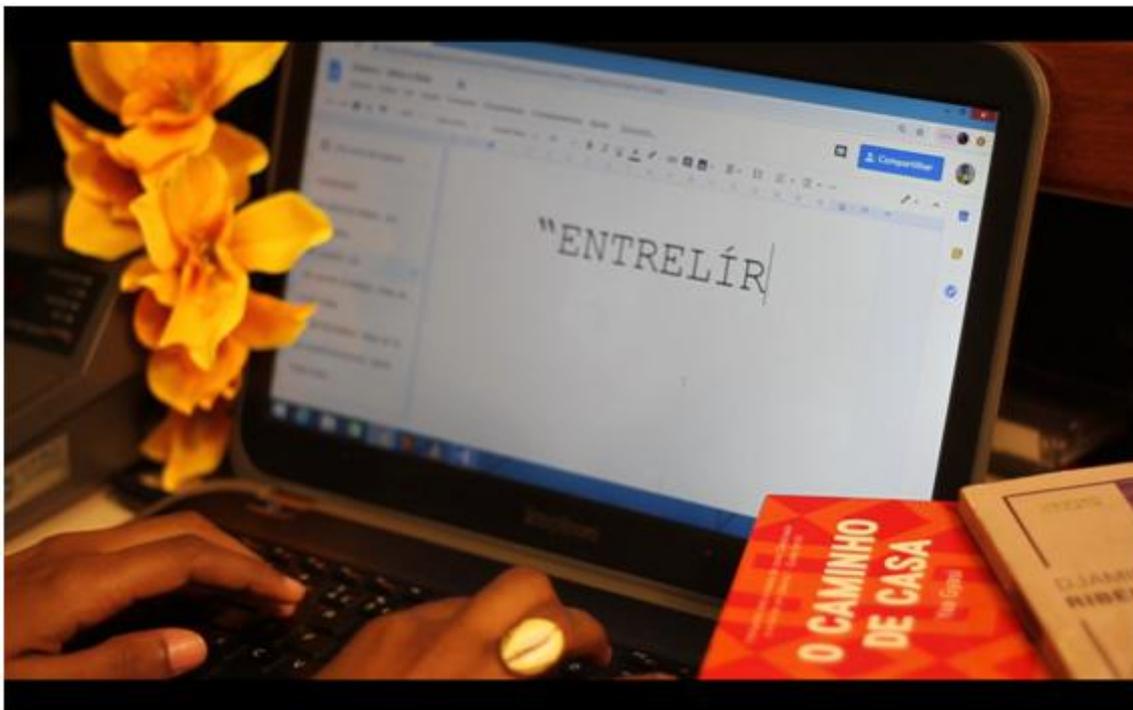
Encontrei-me ao perceber que a escrita, essa função que também durante

tanto tempo não era uma função possível, me faria alçar vôos altos e me fazer sonhar e que o cuidado me faria ser uma pessoa sensível às demandas da sociais e que isso me possibilitaria ser as grandes coisas que minha mãe tanto sonhou que eu seria.

Mesmo quando a vida duramente me tirou meu bem mais precioso, de forma que pensei por um instante nunca mais poder voltar a sonhar, após a perda de minha mãe Rachel no final do ano de 2020, a qual dediquei todo meu amor e cuidado nos últimos seis anos na luta contra o Câncer. Foi preciso perceber que sonhar e continuar a escrever seria o único caminho possível para a materialização de coisas tão maravilhosas que ela me deixou, que pude construir inspirada em sua trajetória e como a responsabilidade de seguir o seu legado.

Hoje compreendo que o cuidado que essas mulheres tão potentes me deixaram como heranças, pode ser o caminho para a reinvenção do meu eu. Que utilizar essas mãos de cuidadoras, mãos que levam consigo o cheiro da luva de látex e o cheiro da água sanitária é a possibilidade de cumprir, seja ele qual for, lá meu destino.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



**Ilustração 16: Transgredindo.** Quadros/frames curta-metragem Entrelírios. Autoria: CHAVES & OLIVEIRA, 2019.

*“Camélias dão voltas no mundo  
Tirando as correntes dos punhos  
Não sou mais escrava do mundo  
Não sou mais refém desse mundo  
Não*

*Camélias dão voltas no mundo  
Tirando as correntes dos punhos  
Não sou mais escrava do mundo  
Não sou mais refém desse mundo  
Não”*

*Camélias - Drik Barbosa*

“As ativistas negras Beatriz e Lélia, como tantas outras, sabiam que a mudança caberia a nós. É isso! No processo da escrita encontro negociações que estão em toda parte. Assim, escrever é hoje não mais apenas escrever, mas produzir imagens me conduz às histórias de lavadeiras , marisqueiras, paneleiras, congueiras e tantas outras

trabalhadoras que labutaram para que suas filhas e netas pudessem ocupar os bancos escolares.” (SOUZA, 2013, P. 189)

Chego a esta consideração final tecendo o que trouxe ao longo deste trabalho com as palavras de Souza (2013). Ao chegar aqui, apesar de compreender que muitas das respostas estão colocadas ao longo do caminho desta pesquisa realizada, sigo na reflexão sobre todo o processo cultural de apagamento, racista, hegemônico, homofóbico e transfóbico que inviabiliza de diversas formas o ingresso de corpos como o meu, enquanto mulher preta filha de duas mulheres homossexuais a não só ingressar na Universidade, mas também se manter, não só nesse espaço, mas também no contexto sociopolítico brasileiro que para Mbembe é “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (2003, p. 11).

“*Entrelírios*” é um pequeno pedaço de um possível caminho. Caminho este que começa muito antes de mim. Entrelírios é uma peça simbólica e parte de um lugar afetivo e de sensibilidade. Reflete sobre a história de milhares de mulheres que se cruzam nos trens, metrô, corredores de hospitais e dentro outros pontos de encontro entre mulheres pretas. Entender o caminho que me traz a Universidade e que permite que minhas escrivências de alguma forma ecoem nesse espaço elitizado que é a academia, para que hajam esperanças que em um futuro próximo esse espaço possa ser de fato democrático e inclusivo.

Através deste curta-metragem, contamos a história de mulheres que nos deram suporte para cruzarmos a barreira que um dia para as minhas mais velhas parecia muito distante. Não se trata de contar apenas nossas histórias, entretanto a de muitos outros estudantes que lutam incessantemente para que nossa permanência seja possível.

## REFERÊNCIAS

ACHINTE, Adolfo Albán. **Mas allá de una razón hay un mundo de colores: Modernidades, colonialidades y reexistencias.** Santiago de Cuba: Editorial Oriente. 2013.

ARAÚJO, A. F.; BAPTISTA, F. P. (Org.). **Variações sobre o Imaginário – domínios, teorizações, práticas hermenêuticas,** Lisboa, Instituto Piaget, 2003.

BAITELLO JUNIOR, Norval. Vínculo. In: MARCONDES FILHO, Ciro. (Org.). **Dicionário da comunicação.** São Paulo: Paulus, 2009. p. 458

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento.** Estud. av., São Paulo , v. 17, n. 49, p. 117-133, Dec. 2003 .

COLLINS, P. H. **Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment.** Nova York: Routledge, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. **Da cor ao corpo: a violência do racismo.** In: SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem.** São Paulo:Ed. 34, 2013.

ENTRELÍRIOS. Direção de Elisabete Chaves e Isabela Oliveira. Apoio: Nutes; EBA; Ufrj. Rio de Janeiro, 2019. (6 min 58 s), (2º versão). Disponível em:<https://youtu.be/jzMZETplbDM> . Acesso em: 26 de Maio 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** Rio de Janeiro: Pallas, 2017c.

EVARISTO, Conceição. **A escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural:** depoimento [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017a. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em 15 jul. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra. 25 ed., 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Intelectuais negros e produção do conhecimento**: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Org.). Epistemologia do sul. São Paulo: Cortez, 2010.

HEIDEMANN, Vanessa. **Processos de vinculação e redes sociais**: um estudo sobre três comunidades de astrologia do Facebook. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2019.

HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA Maisa; WHITE Evelyn C. (Org.). O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Palla; Criola, 2000

IBGE. (2017) . **Projeção da População do Brasil e das Unidades da Federação**. Brasília, Brazil. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>> Acesso em 10 de maio de 2021.

LEROUX, Liliane. **Táticas do cinema de guerrilha da baixada para transitar entre o popular e o artístico**. Polêm! ca, v. 17, n. 1, p. 001-023, 2017.

LISBOA, Vinícius (2018). **Ancine diz que nenhuma mulher negra produziu ou dirigiu filmes nacionais em 2016**. Disponível em: < [Ancine diz que nenhuma mulher negra produziu ou dirigiu filmes nacionais em 2016 | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](http://agenciabrasil.ebc.com.br/entretenimento/2018/05/ancine-diz-que-nenhuma-mulher-negra-produziu-ou-dirigiu-filmes-nacionais-em-2016) > acesso em 20 de Maio de 2021.

LUZ, C.P. Narcimária. **Da porteira para dentro, da porteira para fora**. In: SANTOS, J. E. (Org.). Democracia e diversidade humana. Salvador: SECNEB, 1992.

LUZ, C.P. Narcimária. **Obstáculos ideológicos à dinâmica da pesquisa em educação**. Revista da Faeeba, Educação e Literatura, Salvador, UNEB, Departamento de Educação, Campus I, ano 7, n. 10 jul./dez. 1998.

MARTINEZ, M.; HEIDEMANN, V. **Jornalismo Literário**: afeto e vínculo em narrativas. Lumina, v. 13, n. 1, p. 4-14, 30 abr. 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolitics**. Public Culture, 15, 2003.

MATURANA; H. VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

OBÁ, Antonio. **Atos da transfiguração** – desapareição ou receita para fazer um santo. 2017 (20'16"). Disponível em:< <https://vimeo.com/245080927> > acesso em: dezembro de 2019.

ROTTER, Mariane. **Meu ponto de vista**: O cotidiano e os lugares da imagem. 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Org.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender a conduzir a própria vida**: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; \_\_\_\_\_; SILVERIO, Valter Roberto (Org.). **De preto a afrodescendente**. São Carlos: Edufscar, 2003

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Iyáme, Iyá Agbás**: dinâmica da espiritualidade feminista em templos afro-baianos. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, n. 2, 1995.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Cinema na panela de barro**: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade. 2013. 204 f., il. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013.